



Editorial

Este é o terceiro número do volume 25 da revista Zetetiké (v. 25, n. 3), relativo ao ano de 2017. Com este fascículo, que marca o segundo ano da revista com periodicidade quadrimestral, publicamos 10 artigos e uma resenha que foram escritos por 20 autores vinculados a 14 instituições diferentes do Brasil e do exterior.

A maioria dos trabalhos (sete) tem como foco de estudo o professor que ensina matemática, com destaque para os anos iniciais de escolarização. Além disso, estamos publicando três (03) artigos que abordam aspectos gerais e diversos do campo da Educação Matemática e uma (01) resenha de obra estrangeira que, embora não tenha como foco específico de estudo o campo da educação matemática, aborda questões relevantes a esse campo tais como os conceitos de identidade e aprendizagem em comunidades de prática.

Dentre os três que abordam aspectos gerais do campo da Educação Matemática, escolhemos, para abrir o terceiro número do volume 25 da revista Zetetiké, o trabalho de Marilena Bittar (UFMS) e que tem por título “*A Teoria Antropológica do Didático como ferramenta metodológica para análise de livros didáticos*”. Essa escolha deve-se ao fato de a autora abordar a Teoria Antropológica do Didático desenvolvida por Yves Chevallard e colaboradores – uma teoria ainda pouco compreendida pela comunidade de educadores matemática brasileiros – e, sobretudo, por apresentá-la como possibilidade para realizar investigações sobre análise de livros didáticos.

O segundo trabalho é o de Rafaela Silva Rabelo (USP) e tem como foco de estudo a série *The Alexander-Dewey Arithmetic*, escrita por Georgia Alexander e editada por John Dewey em 1921 nos EUA. Para **discutir os elementos que a conectam com a educação progressiva e o pensamento de Dewey**, utilizou como aportes teóricos Michel de Certeau e Roger Chartier.

O terceiro trabalho que investiga aspectos gerais e diversos do campo da Educação matemática é de autoria de Marta Cristina Pozzobon e Talita Mendes de Araújo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e se propõe a identificar e discutir “*a relação das mulheres de uma Cooperativa de Prestação de Serviços do município de Jaguarão/RS com o trabalho e com o uso das matemáticas*”.

O quarto e o quinto estudos deste número da revista Zetetiké são os primeiros do grupo de trabalhos que têm o **professor que ensina matemática como campo de investigação**. Estes têm em comum o contexto de resolução de problemas. No quarto trabalho, por exemplo, as autoras Maria Lucia Faria Moro e Maria Tereza Carneiro Soares, ambas da UFPR, juntamente com Alina Galvão Spinillo (UFPE), **descrevem e discutem as ações didáticas propostas por professores e futuros professores para corrigir erros de alunos do Ensino Fundamental identificados na resolução de problemas de estrutura multiplicativa**. O quinto trabalho é de autoria de Marcelo Carlos de Proença (UEM) e analisa e discute a **visão de professores sobre as dificuldades de alunos na resolução de problemas**.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/zet.v25i3.8651319>

Os três estudos seguintes são de grande relevância, pois tomam como foco comum de análise problemáticas relativas ao professor que ensina matemática nos anos iniciais de escolarização.

O sexto artigo deste número, por exemplo, de Sueli Fanizzi e Vinício de Macedo Santos (USP), analisa as **políticas públicas de formação continuada de professores que ensinam matemática nos anos iniciais** da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, tendo por base o ciclo contínuo de políticas públicas de Stephen Ball.

O sétimo estudo, escrito por Magna Natalia Marin Pires e Regina Luzia Corio de Buriasco (UEL), tem como **foco de interpretação e análise a produção escrita e uma prova em fases desenvolvida por professoras dos anos iniciais** do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal do Paraná. Este instrumento de avaliação formativa, que consiste em um movimento contínuo e progressivo de interação e comunicação, foi utilizado como um modo de realizar uma reinvenção-guiada **na perspectiva da Educação Matemática Realística, tendo por base os estudos do Instituto Freudenthal** (Holanda).

O oitavo trabalho – de autoria de Miriam C. Nobrega Ferreira (Univ. de Lisboa), Miguel Ribeiro (Unicamp) e Alessandro J. Ribeiro (UFABC) – tem por objetivo debater o conhecimento matemático revelado por um grupo de professores dos anos iniciais, ao discutir tarefas com potencial para explorar e desenvolver o pensamento algébrico.

O nono e décimo artigos deste número são trabalhos remanescentes do último Dossiê Temático “*Estudos do Estado da Arte da Pesquisa sobre o Professor que Ensina Matemática*”, publicado em abril de 2017. O artigo de Eliane Matesco Cristovão (Unifei) e Amanda Larissa de Almeida (Unesp-RC), após mapear as pesquisas brasileiras sobre disciplinas de conteúdo matemático na Licenciatura, analisou um recorte de **nove teses e dissertações que investigaram propostas ou práticas inovadoras nesse contexto**. O artigo de Edvoneete Souza de Alencar (UFGD) e Saddo Ag Almouloud (PUC-SP), por sua vez, investigou os referenciais teóricos que sustentam pesquisas brasileiras, publicadas entre 1997 e 2015, relativas à **formação contínua de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre o Campo Conceitual Multiplicativo**, tendo realizado uma metassíntese de nove teses e dissertações que utilizaram como referenciais teóricos Lee Shulman e Vergnaud.

Fechamos o terceiro número de 2017 com a Resenha elaborada por Jenny P. Acevedo Rincón (Unicamp) sobre a obra de Étienne Wenger-Trayner e colaboradores intitulada “*Learning in Landscapes of practice Boundaries, identity, and knowledgeability in practice-based learning*”. Trata-se de um estudo pioneiro sobre desenvolvimento profissional e ensino superior, fundamentado teoricamente na Teoria Social da Aprendizagem, visando descrever e compreender a aprendizagem permeada pelas múltiplas vozes advindas de diferentes cenários de prática.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Campinas, dezembro de 2017,

Dario Fiorentini e Bruno Alves Dassie (Editores)